

GT31: Diálogos antropológicos com o fazer científico, literário, artístico ameríndio

Alexandre Aquino, Diego Soares

A proposta do GT busca dialogar com a ciência, a literatura, o cinema e a arte ameríndia com o intuito de compreender sua repercussão no fazer antropológico. No contexto atual, em que o saber acadêmico continua (re)produzindo determinado modelo de escrita, vemos o surgimento de escritores indígenas, que sugerem, ao mesmo tempo em que elaboram suas reflexões num estilo mais técnico, que o debate científico deve incorporar filmes, música e arte (de autores) indígenas, que são motivados a partir de sua herança sociocultural, situada na oralidade. Esta via de mão dupla reafirma a importância de análises já realizadas na disciplina, nas quais linguagens não escritas constituem o próprio potencial da produção antropológica (ver Gallois & Carelli 1992; Ingold, 2015). Interessa-nos reunir trabalhos que permitam refletir sobre estas manifestações e produções indígenas, seja demonstrando suas interações e inserções no contexto universitário, especialmente no que se refere a participação e/ou elaboração de processos seletivos, projetos didáticos, publicações, entre outras práticas acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, seja extrapolando os muros da universidade, considerando diversas expressões contemporâneas em cybercultura, nas pinturas de murais nas cidades, nas instalações e manifestações artísticas em eventos, bienais, feiras, shows de música, que adquirem cada vez mais relevância em âmbito nacional e internacional.

Uma Antropologia Simétrica do Parto Indígena Amazônico: o caso das parteiras do Alto Rio Negro (AM)

Autoria: Linda Luz

Apresento neste trabalho os delineamentos iniciais de uma pesquisa de mestrado realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFU, tendo como objetivo realizar uma etnografia de técnicas manuais praticadas por parteiras indígenas das etnias Baré e Baniwa, na realização de partos tradicionais em comunidades da região do Alto Rio Negro (AM). Busca-se estabelecer uma relação entre as técnicas manuais associadas ao ato de "partear" e os conceitos indígenas de corpo e pessoa, contrapondo essa perspectiva aos conceitos que orientam as práticas e técnicas de parto da biomedicina, conforme realizadas em clínicas e hospitais. A pesquisa visa produzir um registro etnográfico dessas técnicas e saberes das parteiras indígenas, contribuindo para a salvaguarda deste importante patrimônio imaterial. Em diálogo com a etnologia ameríndia, a Teoria Ator-Rede e a antropologia simétrica, busco apresentar o arcabouço teórico-metodológico da pesquisa a partir de um diálogo com autores como Tim Ingold, Viveiros de Castro e Márcio Goldman (entre outros), buscando uma aproximação com os conceitos e o pensamento ameríndio. Tendo em vista que essas práticas de parto ocorrem associadas ao uso de outras substâncias - como plantas medicinais, alimentos específicos e defumação, por exemplo - intento analisar como o toque e a esfregação de determinadas regiões do corpo se relacionam com o agenciamento de outras forças e energias que podem promover um "bom parto", tendo como finalidade refletir sobre a relação entre humanos e não-humanos e a configuração sociopolítica da agência terapêutica em contextos etnológicos específicos. Ao final, trataremos de delinear os contornos iniciais de um estudo comparativo mais amplo sobre as técnicas de parto entre os povos indígenas amazônicos e as possibilidades de diálogo com outras práticas alternativas de fisioterapia obstétrica, incluindo uma reflexão sobre as possibilidades de traduções interculturais envolvendo a promoção do que tem se denominado de "parto humanizado".

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

